

**GT 06 – Educação Popular****O USO DE NARRATIVAS NA PESQUISA COM O COTIDIANO**Fernanda Mayara Sales de Aquino (UFRN)<sup>1</sup>**1 INTRODUÇÃO**

Este ensaio objetiva discutir o uso da narrativa na pesquisa com o cotidiano como uma metodologia que permite discutir acontecimentos passados a partir da memória dos seus sujeitos. Neste caso, uso como amparo a pesquisa realizada a respeito da formação docente na Campanha de pé no chão também se aprende a ler, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Logo, recorro às teorizações sobre cotidiano e memória, uma vez que a narrativa é uma representação acerca do que fora vivenciado pelos sujeitos num momento anterior ao qual se processa e se materializa, por meio da fala ou escrita, a memória narrada.

A discussão sobre o uso da narrativa na pesquisa com o cotidiano é entrelaçada, ao longo do ensaio, com fragmentos das falas de docentes da Campanha De Pé no Chão Também Se Aprende a Ler, uma vez que a minha compreensão e discussão sobre narrativas como uma metodologia nos estudos com o cotidiano parte, precisamente, da noção de cotidiano como espaço de criação onde as narrativas são reconstituídas pelos docentes. Outra ressalva, em relação a este ensaio, é que adoto a noção de narrativa de Bolivar; Domingo; Fernandez (2001), em que a narrativa pode ser usada tanto como resultado do escrito ou falado ou quanto método de investigação, como forma de construir e analisar os fenômenos narrativos. Dito isso, inicio a discussão sobre o uso narrativa na pesquisa com o cotidiano entendendo-a, num

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e estagiária do NUHMEJA-RN. E-mail: fernandamayara19@yahoo.com.br.

primeiro momento, como fenômeno que se investiga e, posteriormente, como método de investigação.

É importante explicitar que entendo o cotidiano para além de uma realidade social estática com suas regras e rotinas. O cotidiano, conforme Alves (2008) é espaço-tempo de prazer, inteligência, criação, memória e solidariedade. Logo, a pesquisa como cotidiano por meio da memória narrada dos sujeitos viabiliza a discussão e compreensão do cotidiano experienciado por seus praticantes. Assim, é que esse cotidiano o torna-se “acessível” no momento em que, no caso da pesquisa que desenvolvo com os docentes da Campanha De Pé no Chão Também Se Aprende a Ler, converso com os professores e professoras que participaram dessa experiência educativa, sabendo que esse cotidiano é tecido no momento da produção das narrativas pelos professores/professoras da Campanha e ressignificado por mim enquanto dialogo, penso e escrevo sobre ele. Portanto,

[...] é preciso deixar claro que, do ponto de vista metodológico, quando falamos em cotidiano, não estamos nos referindo a uma instância específica da realidade social (Pais, 2003), mas de uma arma da qual nos servimos para compreender essa mesma realidade, mesmo consciente de que as realidades não se dão a conhecer e que a multiplicidade de redes de conhecimentos e valores dos sujeitos sociais torna cada realidade um conjunto de possibilidades tão amplo quanto as leituras que delas possam ser feitas. (OLIVEIRA; SGARBI, 2008, p. 84).

Assim, quando me reporto ao uso da narrativa para a pesquisa com o cotidiano, entendo que o cotidiano pesquisado não se refere ao momento estático anterior, mas aquilo que é recriado no momento da reconstituição narrativa. Nesse sentido, exemplifico com o trabalho que desenvolvo com docentes da Campanha De Pé no Chão Também Se Aprende a Ler. Eles se constituem narradores no momento em que contam sobre suas experiências de formação docente na Campanha durante a década de 1960. Na fala, por exemplo, do professor João Raimundo ele afirma: “[...] as coisas não são mais como antigamente. Você veja que antigamente o menino num respondia professor, não [...]” (JOÃO RAIMUNDO, 2012). Prontamente, compreendo esse processo de acordo com as considerações de Benjamin (2012) quando defende que narrar envolve a faculdade de intercambiar experiências. Quando os sujeitos narram eles estão intercambiando/trocando/relacionando experiências e essas imprimem marcas em suas narrativas, bem como se movem com naturalidade no tempo, realizando processos de idas e vindas entre passado e presente.

Para Alves (2008), a narração é o modo como os sujeitos do cotidiano transmitem, contam suas experiências a outrem, sendo a narrativa, portanto, uma das artes mais importantes para compreensão das práticas cotidianas. É por meio da fala ou escrita dos

sujeitos, que contam suas histórias, que é possível dialogar e compreender a complexidade do cotidiano no qual estão envolvidos os sujeitos com seus desafios e táticas.

A narrativização das práticas seria uma ‘maneira de fazer’ textual, com seus procedimentos e táticas próprios. A partir de Marx e Freud (para não remontar mais acima), não faltam exemplos autorizados. Foucault declara, aliás, que está escrevendo apenas histórias ou ‘relatos’. Por seu lado, Bourdieu toma relatos como a vanguarda e a referência de seu sistema. (...) Não seria necessário reconhecer a legitimidade ‘científica’ supondo que em vez de ser um resto ineliminável ou ainda a eliminar do discurso, a narratividade tem ali uma função necessária, e supondo que ‘uma teoria do relato é indissociável de uma teoria das práticas’, como a sua condição ao mesmo tempo que sua produção? (...) Isto seria sobretudo restituir importância ‘científica’ ao gesto tradicional (é também uma gesta) que sempre ‘narra’ as práticas. Neste caso, o conto popular fornece ao discurso científico um modelo, e não somente objetos textuais a tratar. Não tem mais o estatuto de um documento que não sabe o que diz, citado à frente de e pela análise que o sabe. Pelo contrário, é um ‘saber-dizer’ exatamente ajustado a seu objeto e, a este título, não mais o outro do saber mas uma variante do discurso que sabe e uma autoridade em matéria de teoria. (CERTEAU, 2012, p. 152-153).

No tocante a narrativização das práticas é importante destacar que se trata de narração e não descrição. A subjetividade é o elemento característico da narrativa. Desta feita, dou destaque à relação existente entre subjetividade e o processo de reconstituição narrativa de um acontecimento o qual participou o sujeito. Segundo Cunha (1997), quando uma pessoa narra um acontecimento do qual participou percebe-se que reconstitui a trajetória percorrida atribuindo-lhe novos significados. Por conseguinte, o caráter subjetivo dos indivíduos, imbuído de uma longa trajetória de suas vivências, mobiliza suas memórias agregando novos sentidos e interpretações aos fatos vivenciados outrora. Assim, entendo que a narrativa não é a verdade literal dos fatos, mas é a representação que dele fazem os sujeitos que vivenciaram suas experiências passadas e, por terem trajetórias de vida singulares, atribuem sentidos e interpretações também singulares.

Outra peculiaridade referente à narrativa na pesquisa com o cotidiano refere-se à maneira como pessoas idosas e jovens rememoram os acontecimentos passados. As pessoas idosas evocam suas lembranças de modo diferente dos mais jovens. Segundo Bosi (1994), nas lembranças das pessoas idosas é possível conferir uma história social bem desenvolvida, com características bem marcadas, visto que o idoso já viveu quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis. A memória atual da pessoa idosa pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem que, de certa forma, ainda está submersa nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais fortemente do que uma pessoa de idade. Outra característica que diferencia o ato de lembrar da pessoa mais jovem da pessoa idosa é que para o primeiro, imerso em sua vida cotidiana

cheia de atividades, memória é fuga, lazer. Em contrapartida, para o segundo lembrar consiste numa função social; ele é a memória da família, do grupo, da sociedade. (BOSI, 1994). Embora pessoas jovens e idosas lembrem suas experiências cotidianas passadas de formas diferenciadas destaco que por meio do uso da narrativa é possível compreender em sua complexidade as práticas, saberes, culturas passadas tanto de pessoas mais jovens quanto de pessoas idosas.

É importante elucidar ao leitor que o uso da narrativa na pesquisa com o cotidiano, que inclui a escuta da narração e o pensar sobre ela, implica ao pesquisador tornar-se narrador com os sujeitos praticantes/participantes da pesquisa. No tocante a pesquisa que desenvolvo com o cotidiano da formação docente da Campanha De Pé no Chão... no momento em que integro os dados narrativos com as minhas interpretações estabeleço uma fusão das memórias dos professores da Campanha com as minhas próprias. Segundo Benjamin (2012), o narrador ao contar o que ele extrai da experiência ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história. Assim, quando escuto, por exemplo, uma praticante/participante narrando acerca dos trabalhos realizados com professores/professoras e supervisoras do Centro de Formação de Professores (CFP) da Campanha, tudo o que eu experienciei no momento da reconstituição narrativa – sensações, tom da voz, impressões – se refere a minha memória que se funde com a memória da referida professora.

## **2 MEMÓRIAS NARRADAS E COTIDIANO**

O uso da narrativa na pesquisa com o cotidiano é uma metodologia que permite compreender acontecimentos passados em suas singularidades e subjetividades de modo que elas fornecem indícios ou pistas (GUINZBURG, 1989) que ajudam a apreender e compreender o cotidiano pesquisado. Se a memória é o meio pelo qual é possível captar esses indícios e inserir-se no cotidiano investigado, cabe-me, agora, me deter na discussão de memória, entendendo-a como conjunto de funções psíquicas, que permite ao ser humano guardar e atualizar informações passadas; e enquanto instrumento político e de valorização da pessoa comum – no caso, valorização das vozes, saberes e fazeres dos sujeitos.

A memória, como faculdade mental que permite ao ser humano a capacidade de reter certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas que consente ao ser humano atualizar informações e sensações passadas, ou que ele entende como passadas (LE GOFF, 2013). Algumas considerações sobre a memória enquanto função psíquica articulada à linguagem fazem-se pertinentes, visto que a memória articulada à

linguagem cria situações de diálogo que favorecem a sua reconstituição e produção de sentidos. Discutir a memória associada à linguagem remete-nos a discussão sobre a relação entre pensamento, entendendo a memória como um dos elementos do pensamento, e linguagem, compreendendo a palavra verbalizada ou a fala como espaço e tempo de produção de diálogo e, portanto, de produção de sentido e de reconstituição de memórias narradas. Para Vygotsky (1993), a fala e o pensamento têm origens diferentes e seguem cursos distintos no seu desenvolvimento, não havendo qualquer relação clara e constante entre eles. No entanto, num determinado momento da vida do ser humano, mais ou menos aos dois anos de idade, “[...] as curvas de evolução do pensamento e da fala, até então separadas, encontram-se e unem-se para iniciar uma nova forma de comportamento.” (VYGOTSKY, 1993, p. 37). É nesse período que a fala começa a servir ao intelecto, adquirindo uma natureza multifuncional devido a uma intensificação de sua função social, e os pensamentos começam a ser verbalizados.

No que concerne à natureza multifuncional da fala e a sua função social, destaco o diálogo. Durante o desenvolvimento da relação dialógica, por exemplo com professores e professoras da Campanha De Pé no Chão..., a significação e a predicação são elementos constituintes dessa relação. Segundo Vygotsky (1993), os significados das palavras são formações dinâmicas e não estáticas, alterando a relação entre o pensamento e a palavra. Ou seja, não se trata de uma imutabilidade do significado da palavra, mas ele modifica-se à medida que a criança se desenvolve e estabelece relações em seu contexto social. Essa característica do ser humano de atribuir significados ou compartilhar dos mesmos significados no grupo ou comunidade ao qual pertence, atribuindo-lhe sentidos diferentes, ou seja, ressignificando os significados, nos leva a compreender que há diferença entre significado e sentido (OLIVEIRA; GERALDI, 2010). O sentido é algo da esfera estritamente pessoal, é o que cada falante atribui e cria individualmente com relação a termos, expressões ou discursos. Assim,

[...] mesmo quando estamos num terreno de significações compartilhadas, os diferentes interlocutores de um processo de comunicação por meio de linguagem produzem suas próprias compreensões, sempre singulares, a partir de um discurso ou uma situação qualquer. Mesmo que fosse possível descrever com precisão uma situação ou um conhecimento, isso jamais produziria uma compreensão precisa e idêntica para todos do que foi descrito, visto que os interlocutores envolvidos não são desprovidos de palavras e de história. (OLIVEIRA; GERALDI, 2010, p. 18).

Portanto, entendo as memórias narradas dos indivíduos dotadas de significados e sentidos que me permitem experienciar o cotidiano pesquisado. Cada sujeito reconstitui suas

memórias atribuindo-lhes sentidos, tornando-as únicas porquanto cada um deles tem sua cotidianidade. Assim, concordo com Oliveira e Sgarbi (2008, p. 17) quando afirmam que “[...] nenhuma pessoa tenha um cotidiano igual ao de outra nem um dia seu igual a outro.” No entanto, é importante destacar que esse cotidiano reconstituído pelos professores/professoras é ressignificado por mim no momento em que dialogo com eles e escrevo sobre esse cotidiano reconstituído, pois sou também pessoa com uma cotidianidade, história/percursos e compreensões singulares. Assim, o cotidiano não se restringe a uma realidade social estática com suas regras e rotinas, mas ele é dinâmico, espaço de criação e de possibilidades de compreensão.

Outro elemento presente na relação dialógica estabelecida com os professores/professoras da Campanha consiste na redução da fala a predicados. Vygotsky (1993) assinala a fala interior como um componente intrínseco para a compreensão da relação entre pensamento e palavra. Os estudos desse autor concluem que a predicação pura é a forma sintática fundamental da fala interior. Semelhantemente, a fala exterior ou verbalizada apresenta, em algumas situações, essa mesma predicação. A predicação ocorre na fala verbalizada quando se trata de uma resposta e quando o sujeito da frase é conhecido por todos os interlocutores de uma conversa. Esses princípios que permitem a predicação na fala verbalizada aparecem, por exemplo, na pesquisa com docentes da Campanha De no Chão. Assim, é que, por exemplo, durante entrevista com a professora Marlene Araújo quando questionada “A senhora teve acesso a todos os acampamentos?” Sua resposta é: “todos, todos, todos”. Ela não responde “Sim, eu tive acesso a todos os acampamentos”. A resposta da professora Marlene é compreensível por mim por tratarmos de um assunto comum e por haver perguntas ou curiosidades suscitadas por mim no momento em que escuto sua narrativa. Assim sendo,

O diálogo sempre pressupõe que os interlocutores tenham um conhecimento suficiente do assunto, para tornar possíveis a fala abreviada e, em certas condições, as frases exclusivamente predicativas. Também pressupõe que cada pessoa possa ver seus interlocutores, suas expressões faciais e seus gestos, e ouvir o tom de suas vozes. (VYGOTSKY, 1993, p. 123).

Essas particularidades que pressupõem o diálogo, especialmente as do campo mais subjetivo, auxiliam-me na compreensão de convicções, saberes e valores dos sujeitos da pesquisa. Esse artifício ajuda-me a compreender o cotidiano, bem como trabalhar com a memória com a noção de que elas são variáveis de acordo com os diferentes indivíduos e grupos, conforme já mencionado anteriormente. Ou seja, cada indivíduo, dependendo de seus

percursos, saberes e valores, imprimem suas marcas no momento de rememoração de suas experiências. Portanto, passarei, agora, a discutir como a memória individual e coletiva influenciam no processo de reconstituição dessas memórias.

Entendo que as memórias têm origem e são influenciadas pelo grupo ao qual pertence o sujeito. Halbwachs (2003) explica que no processo de rememoração ou reconstituição de um acontecimento passado a memória individual existe sempre a partir da memória coletiva, visto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. Assim, destaco o papel do “outro” no processo de rememoração ou reconstituição das memórias narradas. Este “outro” não precisa ser uma pessoa, tampouco estar presente. Segundo Halbwachs (2003, p. 31), “Para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível.” Cada um de nós leva consigo vozes, orientações, experiências, leituras que partem de um ou outro grupo e nos ajudam nos processos de evocação da memória. E são essas vozes e orientações é que influenciam na composição da narrativa dos sujeitos sobre algum fato ou acontecimento vivenciado outrora.

### **3 NARRATIVA ENQUANTO MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO**

Até aqui discuti a narrativa como sendo resultado do escrito ou do falado, mas agora passarei a abordar o uso da narrativa enquanto método de pesquisa. Pensar a narrativa enquanto método de investigação (BOLIVAR; DOMINGO; FERNANDEZ, 2001) implica entendê-la como metodologia que possibilita o processo de construção dos dados narrativos, ou seja, permite reconstituir acontecimentos passados. Assim, a entrevista narrativa é o procedimento metodológico que viabiliza a construção dos desses acontecimentos. Segundo Jovchelovitch; Bauer (2000), a entrevista narrativa requer um ambiente que encoraja e estimula um entrevistado ou entrevistada a contar uma história sobre algum evento significativo da sua vida e contexto social. Ela é classificada como um método de pesquisa qualitativa e é considerada uma forma de entrevista não estruturada com características específicas. Contudo, é importante destacar que é possível adaptar a técnica tal qual proposta por Schütze (1977), Jovchelovitch; Bauer (2000) às necessidades e possibilidades da pesquisa desenvolvida com o cotidiano. A entrevista narrativa,

É a tentativa mais notável de ir além do tipo pergunta-resposta da entrevista. Ele usa um tipo específico de comunicação cotidiana, ou seja, contar histórias e ouvir [...]. O esquema de narração substitui o esquema de perguntas e respostas que define a

maioria das situações de entrevista. O pressuposto subjacente é que o ponto de vista do entrevistado é melhor revelado em histórias onde o informante está usando sua própria linguagem espontânea na narração dos acontecimentos. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2000, p. 4).

Essa busca por superar o modelo de entrevistas rígidas de pergunta-resposta em encontros vem me acompanhado desde o início dos trabalhos que desenvolvo com a memória da educação popular do RN. Segundo, Jovchelovitch; Bauer (2000), a entrevista narrativa é conduzida ao longo de quatro fases, quais sejam: iniciação, narração, fase de interrogatório e conversa conclusiva. Para cada uma das fases são sugeridas uma série de regras. Porém, a função dessas regras não é incentivar a adesão rígida, mas orientar o entrevistador a fim de obter uma narração rica sobre o tema de interesse e evitar cair nas armadilhas do esquema de perguntas e respostas (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2000).

Durante a narração, o entrevistador se abstém de qualquer comentário que não sinais não-verbais de escuta atenta e incentivo explícito para continuar a narração. O entrevistador pode, no entanto, tomar notas ocasionais para depois questionar, se tal não interfere com a narração. Restringir-se a escuta ativa, o apoio não-verbal ou paralingüística e interesse mostrando ('Hmm,'sim' 'veja '). (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2000, p. 7).

A fase seguinte a narração dos entrevistados é o momento de interrogatório com perguntas que, eventualmente, surgem durante a narração dos sujeitos da pesquisa. “À medida que a narrativa chega a um fim ‘natural’, o entrevistador abre a fase de interrogatório. Este é o momento em que a escuta atenta pelo entrevistador traz seus frutos.” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2000, p. 10). É o que Jovchelovitch; Bauer (2000) chamam de transformar perguntas “exmanent” em questões “imanescentes”. Após esse momento a entrevista é encaminhada para parte final de agradecimentos. Eventualmente, já com o gravador desligado alguns se sentem muito à vontade para continuar dialogando ou comentado sobre algo. É o que na técnica da entrevista narrada Jovchelovitch e Bauer (2000) denominam de “Concluindo a conversa”. É importante ressaltar que o que o que é comentado nesses momentos pode ajudar na interpretação dos dados que foram narrados, algumas vezes, de maneira mais comedida.

#### **4 CONCLUSÃO**

Neste ensaio discuti o uso da narrativa na pesquisa com o cotidiano como uma metodologia que permite compreender acontecimentos passados a partir da memória dos seus sujeitos, tendo como amparo a pesquisa realizada a respeito da formação docente na

Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler. Estudos que venho desenvolvendo em nível de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN. Desenvolvi uma abordagem quanto ao uso da narrativa na perspectiva dos estudos de Bolívar; Domingo; Fernandez (2001), que compreende a narrativa tanto como fenômeno de investigação quanto método de pesquisa.

Enquanto fenômeno de investigação compreendo a narrativa como resultado da fala ou da escrita, que, por exemplo, no tocante ao trabalho com o cotidiano da formação docente da Campanha De Pé no Chão Também Se Aprende a Ler corresponde a memória revelada dos docentes. Essa memória permite-me o acesso ao cotidiano pesquisado, que por sua vez é reconstituído no momento de produção das narrativas por parte dos professores e professoras da Campanha. Já a narrativa enquanto método de pesquisa corresponde a construção dos dados narrativos por meio da entrevista narrativa, na qual os sujeitos narram suas experiências de outrora com base, segundo, Jovchelovitch; Bauer (2000), em quatro fases, quais sejam: iniciação, narração, fase de interrogatório e conversa conclusiva.

Por fim, destaco que o uso da narrativa na pesquisa com o cotidiano implica considerar as subjetividades dos sujeitos ao narrarem suas experiências, bem como compreender o cotidiano pesquisado em sua complexidade para além do que fora escrito na história oficial.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. A narrativa como método na história do cotidiano escolar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 1., 2000, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2000. p. 1-10.

\_\_\_\_\_. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda Alves (Orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes**. 3. ed. Petrópolis: DP et alii, 2008.

BOLÍVAR, A.; DOMINGO, J.; FERNÁNDEZ, M. **La investigación biográfico-narrativa em educación: enfoque e metodologia**. Madrid: La muralla, 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. as artes de fazer**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão... [et al.]. 7. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

OLIVEIRA; Inês Barbosa de; SGARBI, Paulo. **Estudos do cotidiano & educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. (Coleção Temas e Educação).

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Certeau e as artes de fazer: as noções de uso, tática e trajetória na pesquisa em educação. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda Alves (Orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**: sobre redes de saberes. 3. ed. Petrópolis, RJ: DP et alii, 2008.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; GERALDI, João Wanderley. Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de (Org.). **Narrativas**: outros conhecimentos, outras formas de expressão. Petrópolis, RJ: DP et Aliii: Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010.

VYGOTSKY, Lev Semenovicth. **Pensamento e linguagem**. Tradução Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VYGOTSKY, Lev Semenovicth. **A formação social da mente**. Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.